



INTERMEZZO LATINO
Uma dramaturgia sobre violência, silêncios e colonialismo

INTERMEZZO LATINO
**Una dramaturgia sobre la violencia, los silencios y el
colonialismo**

INTERMEZZO LATINO
A dramaturgy about violence, silences and colonialism

Tiago Silva¹

Resumo

Inspirado em obras historiográficas e literárias acerca dos processos de colonização na América Latina, o presente texto dramático aborda as violências, os silêncios e o autoritarismo político presentes no encontro entre colonizadores e nativos. Através da figura de Malinche, indígena que teve um papel fundamental na mediação cultural entre os europeus e o mundo autóctone durante o período colonial, a dramaturgia transita por personagens, situações, alegorias e rubricas carregadas de proposições sensoriais que dialogam com cicatrizes históricas que se fazem presentes na sociedade latino-americana até os dias atuais.

Palavras-chave: Dramaturgia. Colonialismo. Malinche. Criação Literária. Teatro Contemporâneo.

Resumen

Inspirado en trabajos historiográficos y literarios sobre los procesos de colonización en América Latina, este texto dramático aborda la violencia, los silencios y el autoritarismo político presente en el encuentro entre colonizadores y nativos. A través de la figura de Malinche, una persona indígena que desempeñó un papel fundamental en la mediación cultural entre los europeos y el mundo indígena durante el período colonial, la dramaturgia se mueve a través de personajes, situaciones, alegorías y rúbricas cargadas de proposiciones sensoriales que dialogan con cicatrices históricas que se hacen presente en la sociedad latinoamericana hasta hoy.

¹ Dramaturgo e Diretor Teatral. Doutorando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS, onde pesquisa encenação, atuação e escrita dramática. Bacharel em Direção Teatral pelo Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Licenciado em História e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Professor de Teatro.

Palabras clave: Dramaturgia. Colonialismo. Malinche Creación literaria. Teatro Contemporáneo.

Abstract

Inspired by historiographical and literary works about the colonization processes in Latin America, the present dramaturgical text addresses violence, silences and political authoritarianism present in the encounter between colonizers and natives. Through the figure of Malinche, an indigenous person who played a fundamental role in cultural mediation between Europeans and the indigenous world during the colonial period, dramaturgy moves through characters, situations, allegories and rubrics loaded with sensory propositions that dialogue with historical scars that are made present in Latin American society until today.

Keywords: Dramaturgy. Colonialism. Malinche. Literary creation. Contemporary Theater.

Malinche:

Indígena da Costa do Golfo do México, acompanhante de Hernán Cortéz no processo de colonização da América Central, servindo como intermediária entre o mundo europeu e o universo autóctone. Falava três línguas distintas, estabelecendo pontes entre diferentes grupos culturais e linguísticos na América Pré-Colonial. Foi vista como traidora por muitas tribos pré-colombianas desse período histórico, tendo em vista que foi amante de Cortéz, teve um filho com o conquistador espanhol e permaneceu, durante muito tempo, vivendo com os espanhóis em território de domínio europeu. Para muitos historiadores e historiadoras, contudo, Malinche foi um forte símbolo feminino incurso na cultura patriarcal Latino Americana durante o período colonial, representando, ao mesmo tempo, a força nativa e a inteligência intermediária no contato com os europeus e seu domínio societário predominantemente masculino.

I

MALINCHE

América Latina.

Uma casa antiga, em algum lugar inóspito da longínqua cidade colonial. Silêncio. Em um primeiro momento, nada se manifesta no interior da construção envelhecida pelo tempo, muito embora se possa sentir a presença opressiva da ambientação caótica de outrora. De um colapso de almas que se faz iminente. Gritos. O choque, à surdina, é esperado pelos presentes. Após alguns minutos, ouvem-se brados de prazer, orgasmos múltiplos que se projetam no interior da casa. Gozo, euforia e satisfação predominantemente masculina. O colonizador está presente. Risadas entrecortadas, estrondos, barulhos tórridos. Sordidez tacanha. Nenhuma porta ou janela se abre, apenas os sons incômodos e incessantes que chegam por todos os lados. O ranger de portas mescla-se aos passos arrastados e ao barulho de objetos quebrados. Gritos e gemidos continuam, com cada vez mais intensidade, enquanto sons de sufocamento e dor, introspectivos, adentram a sinfonia orquestrada nas profundezas de um não lugar ancestral. Gemidos de prazer, solidão e angústia.

Silêncios.

A porta de entrada da casa se abre, vagorosamente. Penumbra densa. Passado mítico, Existência profana. Visualiza-se um grande corredor, escuro, com várias portas contíguas. Ao fundo, uma parede enorme, onde se vê a sombra de Malinche, que se projeta na muralha avelhantada, bem como o início de uma escada de madeira que leva para os outros andares e cômodos da casa. O amplo corredor ilumina-se, aos poucos: é rubro e de caráter opressor. Malinche, ao fundo, grita de maneira agônica para, posteriormente, estabelecer-se um breve silêncio no espaço, que é quebrado apenas pelo barulho feito pelas portas laterais, que se abrem, gradativamente. Várias mulheres saem por de trás das portas, manchadas de sangue e lágrimas que se perdem em seus corpos violados pelo tempo. Transitam pelo corredor dizendo mensagens incompreensíveis, vocalizando sussurros agônicos, realizando ações físicas torpes e

inconscientes- fragmentos de um pesadelo pessoal em um claro (ou variavelmente claro) manifesto de dano coletivo e exílio pessoal. Caminham, arrastam-se pelo chão e pelas paredes. Chafurdam em suas perdas. Bebem o próprio sangue retirado do útero perfurado por aqueles que vieram do mar. Sujam umas às outras, apoiam-se umas nas outras, comem umas às outras na esperança de reavivar sua própria força vital. Por um breve momento, o alento chega; mas logo acaba dando lugar a séculos de servidão, sigilo e subalternidade naturalizada. Os sussurros transformam-se em gritos breves que tentam encontrar uma voz que conceda poder e libertação. Vociferam. Lutam. Outorgam-se títulos de nobreza efêmeros que se desintegram no ar. Pouco a pouco, instaura-se o caos colonial. Desordem. Conflito mundano. Barulhos de tiros ecoam do segundo andar da casa, fazendo as mulheres mergulharem em um estado de receio e terror coletivo. Todas são Malinche. Todas são seres sem face. Feras reclusas. Objetos híbridos que expelem dor e desespero. Dirigem-se para o fundo do corredor, perturbadas, enquanto Malinche dirige-se para a porta de entrada, recepcionando os presentes, convidando-os a entrar na casa a fim de desvelar suas memórias perdidas no tempo e no espaço.

MALINCHE: Engravidei repetidas vezes, em momentos de gozo pleno dos quais nunca participei. Momentos fálicos, tortos, nos quais minha rede neural protelava explicações sobre as mulheres sem face que a habitam. Sobre o nomadismo compulsório dos meus pés quebrados. Eu sou a corça correndo contra o vento. A corça assustada fugindo do caçador. A corça vulnerável dos pés quebrados. No emaranhado do caos que se instalou nesse lugar, meus filhos bastardos-órfãos de decência e pudor, crianças sem fé e sem lei - jogavam restos de minha identidade em meu peito, indicando que uma nova ferida havia brotado e que mais um rebento seria gerado. Um rebento mestiço. Um rebento indesejado. Engravidei repetidas vezes, doando meu corpo para a continuação da desgraça que brota na terra. Engravidei repetidas vezes, profanando cada gota de luto em mim depositada. Engravidei repetidas vezes, comendo as línguas que me violaram. Engravidei repetidas vezes, sujando a floresta com meu sangue amargo. Engravidei repetidas vezes, sepultando para sempre o paraíso intocado. Engravidei repetidas vezes e renasci em cada filho.

Ao fundo, o barulho seco de tiro e a iminência do ataque já estão dissipados, mas sua presença ainda reverbera no corredor enevoado pelo perigo. Arrebatadas, as mulheres

banhadas em sangue tentam proferir, tentam alertar, tentam gritar- mas não obtém sucesso imediato. Suas bocas estão temporariamente secas, costuradas. O Patriarca onipresente as sufoca, as persegue, as tortura. Repetem sons: vários e incontáveis vocábulos autóctones que se perdem na ausência do sentido imediato corrompido pela alteridade compulsória. Querem sentir o alívio da brisa ancestral. Querem limpar suas vestes manchadas de sangue. Querem a terra que lhes foi prometida. Querem, novamente, o mar. Levantam-se, como se rompessem uma possibilidade. Como se uma marcha denunciativa tivesse o seu início anunciado. Colocam-se em posição de luto ignorando sua fome atemporal. Repetem as palavras de Malinche, com força, suor e erosão corrosiva.

CORO DE MULHERES: Engravidei repetidas vezes, doando meu corpo para a continuação da desgraça que brota na terra. Engravidei repetidas vezes, profanando cada gota de luto em mim depositada. Engravidei repetidas vezes, comendo as línguas que me violaram. Engravidei repetidas vezes, sujando a floresta com meu sangue amargo. Engravidei repetidas vezes, sepultando para sempre o paraíso intocado. Engravidei repetidas vezes e renasci em cada filho.

Barulhos de tiro, novamente. Já não se assustam. Ativa, a Matriarca entra na casa pela porta de entrada, abrindo caminho entre os presentes e se posta próxima a Malinche. Do andar superior, ouve-se a voz do Patriarca.

O PATRIARCA: Nesta casa, mãezinha, o respeito ao meu desejo será inviolável.

Risadas de crianças surgem do andar superior da casa.

A MATRIARCA: Fica quieta, cadela imunda! Arrasta teus bastardos de volta para teu ventre! Arrasta-te daqui e deixe-me em paz, deixe-me em paz! Rasteja para longe, volte para as sombras do mato. Seca esse útero cítrico, afoga teus bastardos na lama de onde vieram, afoga logo todos eles! Pois o sofrimento que tu plantas nessa casa só se compara com o sofrimento que me causam a podridão da tua presença, do teu cheiro que infesta todos os cômodos dessa prisão. Do teu corpo que conecta passado, presente e futuro em um enredo de pobreza e desolação. És a

pior de todas as raças. A mais baixa de todas as espécies. Em teu corpo pairam as marcas da tragédia e da desonra. Maldita! Faz silêncio, ao menos desta vez. Vai embora cadela imunda! Vai embora e faz silêncio. Ao menos desta vez.

O silêncio não se estabelece. Ele paira no interdito, no que é escondido, nas estratégias de silenciamento. Mas persegue as consciências dos personagens nascidos em berço esplêndido. Não se encontram lugares em si próprio, mesmo com a suposta rigidez das relações sociais travadas. As mulheres batem as portas com violência, produzindo um barulho seco, forte e incômodo. Batem com muita potência todas as portas da casa, enquanto a Matriarca aproxima-se de Malinche e a beija na boca, suavemente, encontrando no ato o seu bálsamo particular. Posteriormente, beija-a com grande fervor, paixão e devoção. Toca seu corpo em uma absorvente referência sexual entre iguais. Iguais? Malinche deixa-se tocar, absorta no toque real; mas, em seguida, recua, desconfiada. Olham-se, entregam-se para a leitura de seus espíritos presos ao mesmo dogma. Mas não ao mesmo mundo.

Portas param de produzir o barulho incômodo, bruscamente.

Silêncio.

A Matriarca levanta-se. Bate e cospe no rosto de Malinche, que, sem reação, permanece caída no chão, sem forças vitais evidentes. A Matriarca sobe a escada, desconcertada, gritando e legitimando sua fé católica apostólica romana até desaparecer completamente na escuridão da casa- espectro feminino que vaga pelos degraus obtusos da construção colonial. Fantasma onipresente que vocifera sua suposta superioridade diante dos mortais que caminham perdidos pela casa.

A MATRIARCA: Puta! Imunda! Você é imunda! Como se atreve a martirizar a mim e a minha família dessa forma?

Uma das portas no corredor abre-se. Uma mulher arrasta uma criança pequena pela mão, brincando e sorrindo com uma naturalidade cativante, adentrando outro espaço da casa através

de uma nova porta que é aberta, enquanto Malinche levanta-se, ao fundo, visivelmente debilitada. Vozes de crianças indígenas cantando, rindo e brincando reverberam por todo o casarão. Fragmentos de uma felicidade antiga perdida no espaço. Risos. Ossos nativos que se quebram. Malinche, recuperando-se e buscando forças ancestrais, canta uma antiga canção nativa, como meio de fazer parte. De encontrar-se novamente consigo mesma.

O vento balança o mar
 O mar balança a areia
 E é no ventre de Malinche
 Que as índias balançam a aldeia...
 Malinche vaguretê, Malinche vaguretê...
 Malinche vaguretê, Malinche vaguretê...

Malinche sobe a escada, cantando e sussurrando a canção, e desaparece na escuridão embriagante da antiga construção colonial, enquanto ouve-se, ao longe, um coro de mulheres cantarolando a mesma cantiga indígena de outrora. Nas paredes da casa, projetam-se imagens de um paraíso perdido em si mesmo: incas, maias, astecas, santas, loucos, bispos, padres, cruzados, inquisidores, autoridades em decomposição, marginais esotéricos, excluídos periféricos, leis em putrefação, finas hipocrisias que atravessam os séculos. Homens e deuses nos trópicos medievais da modernidade. A falha na comunicação que desvela a posse da alma. O mito da civilização. O lixo vomitado nas portas do colonizado. O culto ao erro na cerimônia de posse do colonizador. A necessidade de salvação. Imagens de uma proteção compulsiva. Conquistas e perdas projetadas nas paredes. Sangue humano que se vai e não volta mais.

II

MESTIÇAGEM

Um cômodo grande, no segundo andar da casa. No alto, em uma gaiola, está uma velha cega que sussurra coisas aparentemente incompreensíveis. Em um canto do espaço, em uma espécie de ritual aborígine, um escravo toca tambor, sinalizando sonoramente o cortejo fúnebre que passa pela sala, enquanto um segundo escravo dança, ao fundo: uma dança mítica, sensual

e hipnótica. À frente do cortejo encontra-se a Matriarca, carregando o corpo de uma criança morta em seu colo, seguida por um padre que reza em latim e por várias mulheres com roupas e corpos manchados de sangue, em uma procissão orquestrada por recortes da fé ibérica. Atravessam a sala, lentamente, e desaparecem. O escravo que dança também atravessa a sala ao som do tambor, cada vez mais tomado pelo contato com a potência da melodia lúgubre, até descer a escada e sair de cena, ao passo que a velha cega se põe a sussurrar cada vez mais alto, podendo-se compreender, a partir de então, o que ela diz.

A VELHA: O objeto mestiço é uma criação nefasta, sabe filhinha? Sua existência obriga a pensarmos o nosso mundo em termos de circulações e de conexões que são necessárias para a nossa sobrevivência no plano material. Nossos deuses ancestrais já não podem nos proteger do contato que foi estabelecido. Não mais. Nunca mais o paraíso de outrora, filhinha. Nunca mais o paraíso. Por isso, eu não me vendo para os fantasmas do mar que nos perseguem com suas estátuas e seus deuses mortos. Com a sua cobiça e o seu suplício. Não, eu não me vendo. Mas antes eu era apenas uma pedra no meio do rio, uma folha enguiçada no vento, uma fonte primária da mata nativa. Hoje sou uma mistura de muitas coisas. Hoje eu me pego transitando por palavras que até ontem eu desconhecia completamente. Hoje eu choro em cima dos cadáveres empilhados de meus filhos. Mas o que eu poderia fazer diante da ameaça? Que culpa nós temos? Diz-me filhinha, diz-me: o quê eu poderia fazer diante do desastre iminente?

Malinche é arrastada por dois homens até o centro da sala, abaixo da gaiola. Resiste, luta, corre pela sala tentando encontrar uma saída, mas é imobilizada. Os homens a seguram firmemente e a amarram. O Patriarca sobe as escadas e aproxima-se, devagar. Faz menção para ela ficar quieta. Não irá machucá-la, diz lentamente.

O PATRIARCA: Calma, fica quietinha. Eu não vou te machucar. Quieta, quietinha... Você fala a minha língua, não fala?

Finge ser carinhoso. Ele, o Patriarca. Tenta acalmá-la. Os homens estendem um pano em frente à Malinche e ao Patriarca, enquanto uma luz projeta suas sombras e ordena seus movimentos na cena. Em seguida, o Patriarca rasga a roupa

de Malinche, tapa sua boca e a toma para si, enquanto ela vocifera a sua dor. Os dois homens observam o ato segurando o pano enquanto a velha retoma o seu discurso.

A VELHA: Temos que satisfazer as vontades de nosso senhor e protetor, filhinha. Não seja ingrata. Essa casa nos foi concedida pelo calor de suas mãos benevolentes. Essas paredes, essas grades, essas algemas, essa comida... Nada disso seria possível sem a chegada do nosso algoz. Muito embora a propriedade e a terra já não nos pertençam mais, isso é verdade, a entrega do corpo ao sacrifício alimenta o nosso fetiche e salva os nossos pés da escravidão. Portanto, temos o dever sagrado de satisfazê-lo, filhinha. Sagrado. Não precisa chorar tanto, logo isso passa, não seja tão desobediente. Logo tudo passa. Logo você se deita no chão com seus fetos, seus sonhos e seus brinquedos e esquece por completo tudo o que aconteceu por aqui. É fácil esquecer, filhinha. É fácil apagar aquilo que não se quer ver.

O barulho de tambor cessa. O Patriarca afasta-se, sob o choro de vergonha e desesperança da sua vítima. O pano cai. Os dois homens dirigem-se até o escravo e o arrastam para o fundo da sala, o despindo, deixando-o nu e amordaçando a sua boca, suas mãos e seus pés, enquanto Malinche tenta, em vão, se recompor. A velha cega sussurra uma língua nativa em uma espécie de transe profundo que se torna cada vez mais potente e ininteligível. O Patriarca dirige-se até o escravo nu amordaçado, enquanto os homens saem de cena, rindo da situação. O Patriarca acende um cigarro, fuma e observa o escravo em seu martírio. Ri. Beija levemente seus lábios e o sufoca até a morte. Ele, o demônio benevolente que veio do mar.

A VELHA: Corvos, corvos malditos que sobrevoam o deserto em busca da carcaça! Abutres famintos! Insetos! Fantasmas que vieram do mar para roubar e destruir nossa fortuna! Corvos, corvos assassinos! Invadiram minha aldeia e prenderam-me em minhas memórias do que o futuro poderia ter sido. Do que o futuro jamais será!

III

DESONRA

Uma sala escura, de caráter medieval, com velas acesas. Luz branda que sufoca. A Matriarca chora debruçada sobre o caixão da criança morta. Vez ou outra, volta o olhar para o marido, com uma raiva que transborda o seu orgulho ferido. O Patriarca permanece distante do corpo do filho morto, permanecendo soturno e impaciente diante da perda recente. Despreza a cerimônia. O padre os observa, rígido, com a Bíblia e o terço em mãos, como se pertencesse a outra dimensão moral, espacial e afetiva. Resguarda a ética apostólica dos lobos famintos que o perseguem. Distribuídas no espaço, várias mulheres manchadas de sangue permanecem paradas e indiferentes à situação- elas também sofrem suas próprias perdas. Movimentam a cabeça como fantoches que orientam a si mesmos.

PADRE: *“Vós, servos, obedeci em tudo a vossos senhores”.*

MATRIARCA (sussurrando): *A culpa é sua. A culpa é sua, sua, sua...*

PADRE: *“Não se voltem para a idolatria pagã. Eu sou o único Senhor, Deus de vocês. Contenham-se; ora, as obras da carne também são manifestações de idolatria: imoralidade sexual, feitiçaria, ciúmes, egoísmo, embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto como já antes os adverti: aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino dos Céus”.*

A MATRIARCA: *É culpa sua.*

O PATRIARCA: *Não comece outra vez. O homem está morto. Não há mais nada a fazer em relação ao assunto. Já basta!*

A MATRIARCA: *A culpa é unicamente sua... Sua, dos seus homens nojentos e daquela puta nativa!*

O PATRIARCA: *E o que você sabe? Hein?*

A MATRIARCA: *Eu sei tudo sobre o silêncio que transita nessa casa, paizinho. Tudo!*

O PATRIARCA: *Que silêncio? Você só sabe definhar em cima do seu piano dia e noite.*

A MATRIARCA: *Se você não tivesse chegado perto da selvagem, se você não o tivesse humilhado... Se você...*

O PATRIARCA (rindo): *Humilhado? E como exatamente se humilha um animal?*

A MATRIARCA: *Da mesma forma que se profana um nome sagrado.*

O PATRIARCA: *Por favor, você está dizendo despautérios.*

A MATRIARCA: E você está cego.

O PATRIARCA: Não era de hoje que o animal nojento se rebelava. Era preciso dar o exemplo aos outros!

A MATRIARCA: E você não se preocupou em agravar a situação, claro!

O PATRIARCA (perdendo a paciência): Lembre-se de quem eu sou! Não questione os meus direitos!

A MATRIARCA: Não suje sua honra protegendo a assassina do seu filho! Honre o seu nome, honre o nome de sua família!

O PATRIARCA (visivelmente atormentado): Não questione os meus direitos, não os questione!

A MATRIARCA: Então reclame os seus privilégios, paizinho.

PADRE: *“Toda a malícia é leve em comparação à malícia da mulher, sobre ela caia a sorte dos pecadores; da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos nós morremos”.*

Silêncio. Barulho do temporal que se aproxima.

O PATRIARCA: Ele agora está com Deus. Nosso menino está com Deus.

A MATRIARCA: Eu queria abortar todos.

O PATRIARCA: A vida na terra segue e o lixo precisa ser recolhido. Nosso menino está com Deus.

A MATRIARCA: Essa casa é insuportavelmente silenciosa.

O PATRIARCA: As execuções serão ordenadas o mais rápido possível. Tudo se dissipará.

A MATRIARCA: Insuportavelmente silenciosa...

O PATRIARCA: O fogo nunca se apaga.

A MATRIARCA (grita): Aquela puta, aquela imunda maldita!

O PATRIARCA: O teto nunca desaba.

A MATRIARCA (grita): Aquela puta, aquela cadela imunda!

O PATRIARCA: Ela não é ninguém! Ela é só uma negra da terra, controle-se!

A MATRIARCA: Ela é um demônio, um demônio que se apossou de nossa casa e tomou conta de nossos filhos. Onde você estava enquanto isso acontecia, paizinho?

Silêncio. Barulho de chuva.

A MATRIARCA: Essa casa é insuportavelmente silenciosa... Eu não aguento mais.

PADRE: *“Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e ganância, pois isso se constitui como idolatria e para isso não há perdão. Construam um mundo baseado na igualdade”.*

A MATRIARCA: Eu só vou ter paz novamente quando toda a família dela for dizimada; a mãe, o pai, os irmãos e cada bastardo que ela carregou naquele ventre corrompido.

CORO DE MULHERES: *“Bendito é o fruto de vosso ventre”.*

O PATRIARCA: Ela já se foi.

A MATRIARCA: O que é proibido nunca se vai de verdade. Eu a sinto. Eu a vejo desenhando nas paredes dessa casa.

O PATRIARCA: Ela está desaparecida.

A MATRIARCA: Em algum canto dessa casa ela deve estar. Nenhuma lápide fica sem corpo nesse lugar.

CORO DE MULHERES: *“Bendito é o fruto de vosso ventre, Malinche”.*

O PATRIARCA: E quem se importa?

A MATRIARCA: Comecem matando a velha e depois matem o pai, o cego que acredita em premonições. Depois matem os filhos, um por um, até não sobrar nenhum resquício do demônio nessa casa. Nenhum resquício!

O PATRIARCA: Ela está muito bem escondida e sequer saberá das mortes. É inútil promover uma guerra nesse momento. Não o farei.

A MATRIARCA: Pois que a façam ficar sabendo de tudo e a queimem em seguida. Queimem a bruxa em seguida! O fogo nunca se apaga, não é isso eu você diz?

O PATRIARCA: Os responsáveis serão severamente punidos, eu te garanto. Os responsáveis serão punidos e ninguém se importará.

PADRE: *“Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria; a arrogância como o mal da idolatria. E assim como você rejeitou a palavra do Senhor, ele também o rejeitará”.*

CORO DE MULHERES: *“Santa Malinche, cheia de graça...”*

O PATRIARCA: E ninguém nesse mundo poderá me condenar pelo extermínio. Pelo massacre. Pelo genocídio.

A MATRIARCA: Ordene a execução.

O PATRIARCA: Não fui eu o primeiro a atirar.

A MATRIARCA: Deus está do nosso lado.

O PATRIARCA: Ele sempre estará.

PADRE: *“Vocês sofrerão o castigo de sua cobiça e as consequências de seus pecados de idolatria. E vocês saberão que eu sou o soberano, o Senhor”*.

CORO DE MULHERES: *“Bendito é o fruto de vosso ventre, amém”*.

Silêncio.

O Patriarca e a Matriarca saem de cena, em lados opostos. Aos poucos, muita água vai inundando a sala. Apagam-se as velas e acende-se uma luz fraca que se reflete na água que toma, gradualmente, o espaço. Vento. Barulho de objetos se quebrando em outros cômodos da casa, como se o temporal tivesse adentrado violentamente o espaço. Ventania nos trópicos. As mulheres limpam o sangue de suas roupas e de seus corpos na água que chega até os seus joelhos, com avidez: água e a possibilidade de redenção. Água e o renascimento interno bruto. Água e o batismo de sangue invalidado. Água e a expiação do pecado original. Água, muita água suja de sangue, por todos os lados da sala. As luzes vão se apagando, permanece apenas uma penumbra em cena projetando as ações físicas das mulheres que limpam o sangue de seus corpos com mais e mais vontade, libertando-se das marcas de seus agressores. A água, tomada pelo vermelho, é jogada em todos os lugares da sala pelas mãos femininas. As mulheres eufóricas rasgam-se em liberdade e satisfação. Estão famintas. Lutam contra o sangue sujo que adentra suas pálpebras molhadas. Empolgam-se com a presença da pureza. Da verdade. Da eternidade. Seu riso, no entanto, é cortado pela benção fálica do padre que grita, enraivecido com a premente liberação de suas presas.

PADRE: “Mesmo quando melífluas, as palavras das mulheres são enganadoras e estão cheias de malícia. Toda malícia e toda a perversidade do mundo vem delas; muitas vezes,

tomadas pelo delírio, elas matam seus filhos e cospem no seu semelhante. Algumas são verdadeiramente incorrigíveis, verdadeiramente incorrigíveis!”.

O colonizador entra na sala alagada. Enfia sua bota ibero-americana na água. Cerimônia de posse no Novo Mundo já conquistado. Confronto. Vários homens entram em cena, tapando a boca das mulheres, que tentam fugir, que resistem ao contato entre o novo e o velho mundo. Caos colonial. Deleite masculino em uma terra sem rei, sem lei e sem Igreja. Onde os bravos homens covardes constroem suas próprias leis. Gritos de Malinche, piadas e risinhos do aguerrido colonizador. Aos poucos, os homens arrastam as mulheres para fora de cena, até que todas tenham sido retiradas completamente do espaço, uma por uma. Vazio, perda, silêncio. A velha cega entra em cena, atravessa a sala arrastando-se pela água. Chega até o caixão, o pega, o embala como a um bebê e o joga no chão. O caixão boia em cena, enquanto a velha conversa com a criança morta que a circunda pela sala.

A VELHA: Você já imaginou uma casa que fosse incapaz de cultivar alimentos para todos os seus moradores, filhinho? Já imaginou essa tragédia? Não, você não é capaz de imaginar tamanha calamidade, não é mesmo? E nem poderia. Não é de sua natureza pensar sobre essas coisas tão vis e pequenas. Ainda mais agora que já não respira mais e nunca pensará a respeito disso, de qualquer maneira. Mas não é sua culpa querido, não se preocupe, viu? Descanse em paz e não dê demasiada importância a isso. Não se pode dar mais importância para as coisas do que elas merecem. Não mesmo. Isso é inútil. Mas fique sabendo que essa casa onde morou em sua breve trajetória pela terra padece, e, quando menos se espera, ela ruirá. Ah sim, as paredes dessa casa logo cairão, não há cimento que as segure. É uma questão de tempo. Coitadas destas paredes, tão vulneráveis, pobrezinhas. E coitados daqueles que sentem-se protegidos sob o seu teto frágil e ainda acreditam que podem proteger os seus filhinhos sobre o chão cheio de cobras, ratos e lacraias. Pobres fantasmas do mar, tão ingênuos e medíocres. Não há proteção, não há mantimentos suficientes por aqui. Nunca houve. Como nos caixões de ferro e fogo que os trouxeram... (Pausa) Já imaginou filhinho, essa casa apostólica no fim do mundo, incapaz de cultivar alimentos para todos os seus moradores? Eu sei, eu sei filhinho defunto. Dorme teu sono. Eu disse que isso não importava. E de fato não importa. Não é de todo mal, eles só querem a

nossa sobrevivência e a paz entre todos nós, não é isso? Eles nos cuidam, nos velam e nos protegem. É assim mesmo. Hoje eles nos oferecem o pão. Amanhã nos oferecem a fome.

IV EXTERMÍNIO

Sótão da velha casa. Um espaço intimista e de essência solitária. Sentada ao piano, a Matriarca toca “Libertango” de Astor Piazzolla, enquanto o filho carrega o castiçal com a vela para perto da mãe, entorpecido pela canção. Observa-a tocar, com vívida curiosidade infantil. Acende-se uma luz suave no cenário minimalista, enquanto Malinche é carregada por um escravo, que atravessa a sala com ela em seu colo. O escravo a deita no chão, cuidadosamente, e, sem seguida é tomado pela música que vem do piano. Dança, absorto na melodia, hipnotizado pelo som que ressoa na casa grande. Sai de cena, envaidecido. Deixa a porta do sótão aberta, de onde chegam risos, sussurros e grunhidos. Passos errantes que marcham por toda a casa. A Matriarca intensifica o ritmo da música que toca. Libertango, liberdade. O garoto observa Malinche deitada no canto da sala e dirige-se até ela, vagarosamente. Afaga seu rosto e seu corpo. Passa as mãos em seu cabelo negro. Malinche treme, como se estivesse com febre alta. O menino fica de costas para a Matriarca, que durante toda a cena não sairá do piano, como se estivesse completamente presa a ele; portanto, não observará, diretamente, as ações do filho com a indígena: é como se ambos ocupassem um espaço distinto no status quo estabelecido neste cômodo da casa. O menino coloca Malinche em seu colo, carinhosamente- sintomas efêmeros de uma liberdade nunca alcançada. Piano, política envelhecida, cheiro de ruínas. Anúncio do fim. Música cessa, aos poucos. Ouve-se o bater de portas, no andar de baixo da casa, como se todos agora estivessem trancados, confinados para sempre em seus personagens, no encontro indesejado entre dois polos sociais antagônicos. Ouve-se o arrastar de correntes no corredor, passos pesados, tentativa de libertação. Risos, grunhidos, deboche.

Silêncio.

A MATRIARCA: Hoje seu pai acordou com febre e só por isso deixei você acordar mais tarde e vir até aqui. Todos estão com febre, aliás. O padre da aldeia disse que é uma epidemia

grave. Um vírus desconhecido. Muitos lá fora estão adoecendo, enlouquecendo, morrendo aos montes. Todos os dias morrem dezenas de selvagens, sabia filhinho? Só não entendo como essa epidemia veio parar nessa casa assim, tão rapidamente... Não era para isso acontecer. Você gostou da música, querido?

MALINCHE: Eu adorei a música, mãezinha. É linda.

A MATRIARCA: Que bom, meu bem. Eu a toquei pra você.

MALINCHE: Eu queria ter dançado... Dançado até morrer. Ela é tão... Tão linda.

A MATRIARCA: Não meu bem, isso é um insulto, não diga uma coisa dessas. Dançar sozinho, como um selvagem, imagine só. Você viu o seu pai hoje?

MALINCHE: Não posso vê-lo. Ele está deitado, tremendo, com febre alta. É contagioso.

A MATRIARCA: Ah, é verdade, a maldita epidemia.

MALINCHE: Eu posso brincar com os outros lá fora, mais tarde?

A MATRIARCA: De forma alguma. Aqui dentro é mais seguro.

Silêncio.

MALINCHE: Mãezinha?

A MATRIARCA: Sim?

MALINCHE: Essa epidemia vai matar a todos nós, não é verdade?

A MATRIARCA (rindo): Não, meu amor. Só morrerão os selvagens. Aqui dentro dessa casa ninguém morrerá.

MALINCHE: E o papai, vai morrer?

A MATRIARCA: Deus não permitiria uma catástrofe dessas. Não dessa forma tão estúpida, não é mesmo?

MALINCHE: Claro. Além do mais, o papai não é um selvagem.

A MATRIARCA: Não, ele não é.

MALINCHE: Já imaginou o papai morrendo igual às bestas que ele persegue?

A MATRIARCA: Melhor não imaginar.

MALINCHE: Seria engraçado.

A MATRIARCA: Seria trágico.

MALINCHE: Você toca piano lindamente, mãezinha.

A MATRIARCA: Obrigado querido. Quer que eu toque outra?

MALINCHE: Quero.

A Matriarca prepara-se. Toca “Waltz from Masquerade” de Aram Khachaturian no piano. Malinche levanta-se do colo do menino, lentamente. O observa, com curiosidade e ternura. Afaga o seu rosto, enquanto o menino deita em seu colo, tomando o lugar que antes fora dela. Embala o garoto, consciente de sua própria impossibilidade. Mas estabelece-se a balada no não lugar. Desfazem-se os ritos, as finas hipocrisias dos lugares fixados. Exterminam-se o vírus dos privilegiados. O Patriarca entra correndo na pequena sala com uma das mulheres que, novamente, está banhada em sangue. Correm, despem-se, gargalham, dizem bobagens, beijam-se apaixonadamente. Mulher sai de cena rindo e correndo, chamando o Patriarca que a segue pelos corredores da casa. Malinche levanta com o menino no colo e atravessa a sala com ele em seus ombros. Carrega-o como fruto de seu próprio ventre. Várias crianças entram na sala, correndo. Tomam o espaço, arrancam do pequeno sótão todas as fagulhas de alegria nele escondidas. A menina mais nova senta-se ao lado da Matriarca que a recebe com benevolência. Vários meninos também festejam à sua volta. O mais ousado deita-se sobre o piano. Outros deitam-se pelos cantos do sótão tomados pela euforia. Brincam pelo espaço, correm, dançam, sorriem. Coreografam suas projeções libertas da censura católica. Nada de catequese por hoje. Malinche agarra o menino em seu colo, com cada vez mais fervor e devoção. O garoto tenta soltar-se para ir brincar com as outras crianças, mas Malinche o prende violentamente ao seu corpo e não o solta. A Matriarca toca, toca, toca cada vez mais. As crianças são surpreendidas pelo Patriarca que entra em cena e bate no piano, com força, encerrando a canção, abruptamente.

Silêncio.

A MATRIARCA: Nem mesmo a doença que você nos trouxe é capaz de nos igualar, paizinho.

O Patriarca exerce sua autoridade com truculência. As crianças caem no chão, sobressaltadas em uma espécie de ataque epilético, enquanto o Patriarca arrasta a Matriarca para fora da cena violentamente, sob os gritos, protestos e acusações infantis dos corpos caídos no chão. Malinche atravessa a sala até o centro colocando, cuidadosamente, o corpo do menino

junto aos demais. Vai até uma das paredes, onde encontra-se um mural de papel, com o mapa da América Latina riscado de vermelho. Rasga-o, destrói, coloca fogo nele e o come em pedaços. Labaredas. O escravo que toca tambor entra na sala. Olham-se, em uma expressão de cumplicidade. Ele pega o garoto no colo, observa Malinche pela última vez e carrega a criança para fora da cena. Malinche apaga os últimos resquícios do fogo e deita-se junto aos demais, ocupando o lugar do menino. Um lugar que nunca mais será o mesmo.

V

SACRIFÍCIO

Sala de sacrifícios e cerimoniais- o maior cômodo da antiga casa colonial que se divide em dois andares. No fundo, uma enorme tela projeta imagens em movimento de uma América Latina envolta em multiculturalidades, tensões sexuais, sacrifícios, desigualdades e fragmentações políticas. Imagens cruzam-se, comem umas as outras em um movimento frenético. No centro da sala, um trono real extraordinário, alto, onde se encontra a Matriarca com um vestido enorme que desce trono abaixo e delimita o seu resíduo social. Senta-se orgulhosa, com o filho no colo. Atrás dela, um exército de mulheres em transe, balançando-se de um lado para o outro da sala, hipnotizadas. De um lado da cena, a velha cega atravessa a sala, tocando um sino estridente, anunciando o ritual de posse das almas. Do lado diametralmente oposto, o escravo dançarino também a atravessa, de saia e adornos indígenas femininos, na cadência lenta anunciada pelo oráculo do Novo Mundo. Cruzam todo o espaço, até chegar ao fundo, próximos ao telão, onde suas figuras destituídas de humanidade são refletidas nas sombras e mesclam-se com as imagens audiovisuais que são projetadas no telão. O barulho do sino cessa, dando lugar ao som do tambor que vem do segundo andar da sala. No alto, encontra-se o colonizador, observando o que se passa abaixo da linha do Equador e acima dela também. Pecados latinos. Criaturas vis que tencionam fugir de seu cativeiro secular, da religiosidade de seu cárcere. Ao seu lado, o padre, o Patriarca e mais uma legião de colonizadores canibais.

Cerimônia de posse no Novo Mundo. Barulho de tambor. Gozo cristão.

O COLONIZADOR CANIBAL: Chamo-vos agora, cidadãos de bem, homens honrados de nossa sólida nação cristã, por fé e testemunho, diante de todos, para a tomada de posse desta terra e dos seres que nela habitam. Todos sob a nossa sagrada proteção, sob a tutela onipresente do nosso Estado onisciente. Velaremos pelos seus direitos, dentro das possibilidades que por ora são apresentadas. Fazamos desta terra sem lei o porto seguro dos desafortunados, o ponto de equilíbrio dos infieis, dos marginais e dos não civilizados. Portanto, sacrifique-se, pois o Estado somos todos nós; sacrifiquem-se e não haverá mais guerra; sacrifiquem-se e a cruz não será erguida; sacrifiquem-se e a epidemia se dissipará; sacrifiquem-se para que todos nesta casa possam prosperar. Sacrifiquem-se, bestas. Curvem-se diante da maioria.

Barulho de tambor cessa. Telão apaga-se. Luz vermelha toma o espaço. A velha cega toca o sino, absorta na ação realizada. A porta, ao fundo, abre-se. Uma das mulheres é arrastada violentamente para a escuridão. Grita. As outras permanecem hipnotizadas, padecendo sob o olhar do Patriarca, do padre e dos colonizadores canibais. A porta se fecha bruscamente, rompendo o barulho sínico. Ao fundo, uma mulher que se distingue das demais arrasta uma cadeira de um lado ao outro da cena. A Mulher Bufa, o corpo despedaçado, o povo imemorial que perdeu suas esperanças. Imagens pandêmicas da destruição.

PADRE: Que fique claro: aqui, nesta casa, uns rezam, uns combatem e outros ainda trabalham. Esta é a vontade de nosso Senhor.

A MULHER BUFA: Fica quieta, filhinha! Quantas vezes eu já disse pra você ficar bem quietinha, hein? Fica quieta! Eu prometo que ninguém mais vai nos incomodar, tá? Quieta, menina!

A velha cega e o escravo dançarino adentram a porta do fundo e também desaparecem na escuridão, ressoando sons de moléstia. O barulho do sino ainda reverbera pelo espaço. Malinche entra em cena e se põe de joelhos, em frente ao exército de mulheres em transe que se balançam.

CORO DE MULHERES: Temos que satisfazer as vontades de nosso senhor e protetor, filhinha. Não seja ingrata. Essa casa nos foi concedida pelo calor de suas mãos benevolentes. Essas paredes, essas grades, essas algemas, essa comida... Nada disso seria possível sem a chegada do nosso algoz. É por isso que temos o dever sagrado de matá-lo, filhinha. Matá-lo até o fim.

Mulheres são tomadas pela presença envolvente do sagrado, contaminadas por sua própria ancestralidade pagã, pela compleição de si mesmas. Dançam, são sorvidas pelos movimentos libertários umas das outras. Intenso jogo teatral. Nas costas umas das outras, movimentos poéticos, vivos, alforriados do caos da ética masculina. Constroem-se imagens de ruptura, utopia e independência. Correm, correm, correm. Ocupam o espaço, subvertem os lugares, libertam-se das amarras. Envolvem-se umas com as outras. Correm mais e mais. Imensidão. Malinche, nua, lava-se em seu próprio gozo. Braços, mãos e pernas em uma envergadura errante, na efusão de uma peste incurável. A mulher na cadeira sufoca-se com um saco plástico no rosto enquanto as demais dançam. Padece, agoniza e morre.

Sacrificou-se. Curvou-se diante da maioria.

Confusão de vozes no espaço: padre, colonizadores, velhos, mulheres. Gozo feminino. Barulho de sino ressoa da catedral católica. Todas as mulheres vão para as paredes, de costas, culpadas pela devassidão de seus atos recentes. Malinche permanece no centro, nua, em frente ao trono. A porta dos fundos abre-se. Duas meninas entram em cena e dirigem-se até Malinche, afagando seu rosto e seu cabelo com ternura e compaixão. Malinche retribui o carinho infantil. O padre grita do alto de sua autoridade eclesiástica.

PADRE: Afastem-se desse animal repulsivo! Afastem-se deste depósito de luxúria, mentira e pecado! Deste ser narcísico e egoísta, que não é capaz de sacrificar-se nem por si mesma! Nem mesmo por si mesma! Não és digna de ter a nossa língua em tua boca!

Mulheres viram-se bruscamente com a advertência clériga. Caem lentamente até ficarem de joelhos no chão, sofrendo, queimando. Meninas assustam-se e correm até a porta, ao fundo, enquanto a Matriarca desce do trono com o filho, soberana, e dirige-se até Malinche.

MATRIARCA: Vaca profana! Eu quero que você e seus descendentes apodreçam no inferno!

Malinche padece. A Matriarca retira-se da sala, com o filho e as meninas que seguram o excesso de seu vestido, pela porta ao fundo. Olha para Malinche uma última vez e desaparece na escuridão. Malinche levanta-se, sobe até o trono, nua. Lava-se com sangue na boca, no rosto, nos peitos. As mulheres tomam a sala e cantam, santificadas.

CORO DE MULHERES:

Respeito muito minhas lágrimas, mas mais ainda minha risada.

Inscrevo, assim, minhas palavras

Na voz de uma mulher sagrada.

Vaca profana põe teus cornos,

Pra fora e acima da manada.

Vaca profana põe teus cornos,

Pra fora e acima da manada.

Dona das divinas tetas,

Derrama o leite bom na minha cara

E o leite mau na cara dos caretas...

Respeito muito minhas lágrimas, mas mais ainda minha risada.

Inscrevo, assim, minhas palavras

Na voz de uma mulher sagrada.

**VI
EXÍLIO**

Porão. Todos os objetos estão pendurados nas paredes e no teto, em uma disposição que desafia o arbítrio que impera na velha casa. O porão, recanto dos excluídos. Lugar de confrontos entre a permanência e a mudança histórica. Claustrofobia do terceiro mundo. Uma cama está suspensa na parede, de pé, como se fosse um quadro de Frida Kahlo. Malinche está “deitada” nela- em pé, como uma pintura, devido à disposição do móvel. Suas vestes estão banhadas em sangue e outras cores, transformando-a em uma exótica aquisição do Novo Mundo. Dorme um sono profundo e entrecortado, instalada no colchão com cheiro de mofo. Várias crianças mestiças também estão suspensas nas paredes e no teto, penduradas, empoeiradas e espectrais, como se fossem objetos de decoração ou como se estivessem esquecidas no porão da antiga construção colonial há muito tempo. De olhos fechados, vez ou outra, as crianças objeto sentem espasmos, refluxos e calafrios. Almas desaparecidas em uma conquista territorial. Do sótão, ouve-se uma música que ecoa pela casa. Concerto No. 2 in G minor, RV 315 “Summer” I: Allegro nom molto de Vivaldi. A Matriarca entra no porão, visivelmente desconcertada, em luto, portando o seu desespero particular. A Matriarca perdida. A Matriarca turva. A Matriarca Viúva. A Matriarca que agora sabe nunca ter sido. Abraça Malinche, sente intensamente o corpo da outra. Afasta-se, sem saber exatamente o porquê da ação. Sofre pelas duas. Sofre pela ausência. Sofre por ser mulher. Renunciaria seu trono por um breve momento de paz. A música intensifica-se. Em um relapso da sinfonia, a Matriarca arranca Malinche de seu sono, sem acordá-la, contudo. A coloca em seu colo, tapando-a com o lençol amarelado pelo tempo. A embala, como se esta fosse a sua nova filhinha. Observa-a com carinho. Adentra a geografia torta de sua própria expatriação. Chora, pois sabe que no exílio compulsório não existem vantagens. Apenas o desejo do retorno.

A MATRIARCA: Hoje acordei e descobri que meus pés se exilaram. Foram para longe de todas as contradições, de todas as máculas, perdas e oscilações. Hoje minha alma foi buscar abrigo nas estradas interditas, na aresta trancada do sótão, no beijo gelado do filho morto. Hoje acordei e resolvi não pensar, e descobri, suspensa em mim mesma, que não se pode fugir daquilo que já se foi. Não se pode apagar memórias, se desfazer delas como quem queima cartas que não quer mais ler. As feridas das lembranças são mais profundas. As cinzas da memória nunca cicatrizam completamente: ficam lá, aplicadas na sua dissimulação diária de nos lembrar o

inevitável. O que se pode fazer é enganá-las por um instante, fazer com que se distraiam momentaneamente deste exercício cotidiano de nos torturar. De nos sufocar dia e noite. De nos dizer o que não queremos escutar. Por isso, deixei meus pés quebrados fugirem por um momento. Deixei que se conduzissem ao exílio voluntário, ao seu antigo desejo de sumir por alguns instantes. Deixei que fossem embora, mesmo sabendo de seu retorno imediato ao exato lugar no qual estou presa. Mas hoje me descobri mulher, assim como você. E, apenas hoje, tenciono viver sozinha com o resto de meu corpo, enquanto meus pés caminham sem mim pelos escombros velados de uma existência torta. Decidi sofrer sozinha e deixá-los livres, intactos para experimentar a imensidão de um futuro próspero do qual não partilharei. Hoje estou presa apenas à minha carne, filhinha. Meu espírito já não existe mais.

As crianças penduradas nas paredes e no teto acordam, calmas, como se já fizessem parte da paisagem, como se estivessem acostumadas a ser meros objetos decorativos de uma sociedade doente. Fantasmagóricas, as crianças objeto cantam.

CORO DE CRIANÇAS:

Escravos de Jó, jogavam caxangá

Tira, bota, deixa a gente ficar

Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue zá

Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue zá

Escravos de Jó, escravos de Jó...

No colo da Matriarca, Malinche sobressalta como se acordasse de um pesadelo. A Matriarca a conforta.

A MATRIARCA: Calma, filhinha. Ninguém vai te fazer mal.

As crianças tosse muito, como se estivessem afogadas. Gritam, pedem ajuda. Black Out. Ouvem-se barulhos que vem dos outros cômodos da casa. Muitas pessoas transitam por todos os espaços da antiga construção colonial, produzindo um barulho intenso em meio à escuridão. As mulheres correm, abrindo todas as janelas da casa envelhecida. Respiram, finalmente. Projetam

suas vozes para a rua. Euforia. A Matriarca Viúva carrega Malinche no colo, subindo as escadas até chegar ao cômodo grande, no segundo andar. Na gaiola suspensa, a velha cega embala o corpo do Patriarca morto, cantando-lhe uma canção ancestral, enquanto o padre arrasta-se pelo chão, definhando no meio do sangue. Ao fundo, uma luz que vem do chão reflete a silhueta do escravo que dança.

Silêncio.

Ouvem-se as risadas das mulheres, no andar inferior. Pouco a pouco, elas vão subindo as escadas, lotando a sala.

ESCRAVO: Danço para as meretrizes que saltam como freiras na última sarjeta bíblica. Para os bandidos que me conduzem até Deus e seus orgasmos sádicos. Para os ladrões que interceptam as ruas com suas demonstrações utópicas de amor. Para os desvalidos que afundam suas cabeças em luminárias opressoras que se propagam pelas avenidas. Para as crianças feitas de enfeites em um mundo ao qual não pertencem. Danço para todas vocês... Dedico esta dança aos mendigos que me beijam com suas bocas sem dentes nas ruas de Havana. Aos vagabundos que me abraçam cheios de cólera e fervor. Aos tomados pela abstinência clériga preenchida com ossos, esperma e fluidos corporais. Aos doentes que me impelem com seu suor ardente e o seu silêncio constrangedor. Danço para todas vocês... Dedico esta infâmia sociológica aos tortos, aos poetas, aos mortos. Aos corrompidos, aos viciados, aos bastardos. Dedico meus movimentos aos sujos, aos traidores, aos exilados. Danço para todas vocês...

Silêncio.

ESCRAVO: A neblina que cobre o céu que nunca vimos não se dissipará com a chegada da noite, paizinho. Eu sei. Nós dois sabemos. Ano após ano, tudo recomeçará. Nossas roupas manchadas, nossos cabelos raspados e nossos nomes apagados algum dia voltarão? É claro que não. Eu não cultivo ilusões. Eu sei que o passado não pode ser alterado. Não sou cego a este ponto. Mas eu precisava dizer-lhe o que ocultei de mim mesmo por tanto tempo: que eu tinha medo de restaurar meus ossos quebrados e minha pele queimada no sol. Achei que não possuía

esse direito. Tinha medo de sorrir ou mesmo respirar. Tinha medo de atravessar a sala. Tinha um medo doentio de dançar sozinho. Era como se cada passo dado rasgasse uma parte de meu corpo à qual eu nunca mais teria acesso. Mas eis aqui uma dramaturgia dos perdedores, dos bastardos, dos marginais que você calou.

CORO DE MULHERES: E nela, é você quem morre, paizinho.

Inicia-se “Eletric Funeral” de Black Sabbath. Matriarca carrega Malinche, ao centro, logo abaixo da gaiola. Mulheres riem, riem muito, gargalham. A gargalhada das mulheres torna-se cada vez mais intensa e permeia todo o espaço, envolvida na música metálica. A Matriarca larga o corpo de Malinche no chão e se posta à frente das demais. Também confessa o seu riso. A velha construção agora está em ruínas e os seus moradores famintos já podem saciar a sua fome. Já podem respirar.

Luzes da casa apagam-se.

A História não os absolverá.

Referências

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. México: Suma de letras, 2006.

FERNANDES, Silvia. **Teatralidades Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sérgio Faraco. São

Paulo: LP&M, 2010.

GREENBALTT, Stephen. **Possessões Maravilhosas: O Deslumbramento do Novo Mundo.** São Paulo: Edusp, 1996.

KARTTUNEN, Frances. **Rethinking Malinche.** In: SCHROEDER, Susan; WOOD, Stephanie; HASKETT, Robert (editors). *Indian women of early Mexico*: University of Oklahoma Press, 1997. pp. 291-314.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola.** Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REWALD, Rubens. **Caos-dramaturgia.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o Teatro Contemporâneo.** São Paulo, Martins Fontes, 1998.

ROOSE-EVANS, James. **Experimental Theatre.** London, Routledge, 1989.

SARRAZAC, Jean-Pierre (org.). **Léxico do drama moderno e contemporâneo.** Tradução de André Telles. São Paulo, Cosac Naify, 2012.

SEED, Patrícia. **Cerimônias de Posse na Conquista Europeia do Novo Mundo (1492-**

1640). São Paulo: Editora da Unesp/Cambridge University Press, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.